
Resistência e Cultura: A Trajetória Guarani na Luta pela Terra no Oeste do Paraná

Resistencia y Cultura: la Trayectoria Guaraní en la Lucha por la Tierra en el Oeste de Paraná

Resistance and Culture: The Guarani Trajectory in the Struggle for Land in Western Paraná

Léia Patek de Souza

Graduanda em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, Campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: leiapatek2@hotmail.com.

Recebido: setembro 2019 Aceito: dezembro 2019
Disponível on-line em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica>

Resumo – O trabalho visa analisar, a partir de entrevista realizada com o indígena Guarani Adriano Benites, alguns aspectos da resistência Guarani frente aos conflitos na luta pela demarcação de terras. Partimos da contextualização sobre a presença dos Guarani no Oeste do Paraná e seus modos de vida e tradições, que serão contrastados com o processo de colonização da região e os ideais que o guiaram. Versaremos sobre o papel das diferentes concepções de uso e propriedade da terra nos conflitos existentes entre agricultores e Guaranis na região Oeste do Paraná. A partir da narrativa de vida produzida por Adriano, analisaremos a ação dos Guarani enquanto sujeitos políticos, afim de lançar luz sobre as alterações que exerceram em sua lógica de vida na luta pelo direito à terra, buscando compreender com quais sentidos podemos enxergá-los lançando mão da perspectiva da aculturação. As reflexões aqui desenvolvidas são fruto de minha participação na pesquisa "*Colonização, Propriedade e Projetos Agrícolas no Paraná (Segunda Metade do Século XX)*", coordenada pelo Prof. Dr. Marcos Nestor Stein. A pesquisa é vinculada ao INCT- História Social das Propriedades e Direitos de Acesso e à Rede Propriedades e financiada pelo CNPq e Capes.

Palavras-chave: Guarani; Propriedade; Cultura; Luta pela Terra.

Resumen – Ese trabajo busca analizar, desde la entrevista que fue realizada con el indígena Guaraní Adriano Benites, algunos aspectos de la resistencia guaraní delante a los conflictos de la lucha por la demarcación de tierras. Partimos de la contextualización sobre la presencia de los guaraníes en el Oeste de Paraná (Brasil) y sus modos de vida y tradiciones que fueron contrastados en el proceso de colonización de la región y los ideales que ha guiado a los guaraníes. Tratamos del papel de las distintas concepciones del uso y la propiedad de la tierra en los conflictos entre los guaraníes en el Oeste de Paraná. Desde la narrativa de vida producida por Adriano, analizaremos la acción de los guaraníes como sujetos políticos, con fines de lanzar luces acerca de las alternaciones que ejercen en su lógica de vida en su lucha por el derecho a la tierra. Buscamos comprender con eso con cuales sentidos podemos verlos por medio de la perspectiva de aculturación. Las reflexiones aquí desarrolladas son fruto de mi participación en la investigación "colonización, propiedad y derechos de acceso y a la Red Propiedades, es financiada por CNPq y Capes.

Palabras-clave: Guaraní; Propiedad; Cultura; Lucha por la tierra.

Abstract - The essay aims to analyze, from an interview with the Guarani indigenous Adriano Benites, the Guarani resistance in the light of conflicts in the struggle for land demarcation. We start from the contextualization about the presence of the Guarani in Western Paraná and their lifestyle and traditions, placed in contrast with the process of colonization of the region and the ideals that guided it, seeking to understand what is the role of different conceptions of land use and ownership in the conflicts between farmers and Guarani indigenous in the western region of Paraná. From the life narrative produced by

Adriano, we analyze the Guarani action as political subjects, in order to clarify the changes that have exerted in their logic of life in the struggle for the right to land, seeking to understand with which meanings we can see them without the acculturation perspective. The reflections developed here are the result of my participation in the research "Colonization, Property and Agricultural Projects in Paraná (Second Half of the 20th Century)", coordinated by Professor Dr. Marcos Nestor Stein. The research is linked to INCT- Social History of Properties and Access Rights and to the Proprietas Network, funded by CNPq and Capes.

Keywords: Guarani; Property; Culture; Struggle for Land.

Introdução

Ao longo do trabalho visamos discorrer acerca das alterações nas tradições culturais e organizacionais que se desenvolveram na vivência Guarani no Oeste do Paraná em razão da luta por seus direitos originários, e as significações atribuídas à essas alterações a partir da narrativa construída pelo indígena Guarani Adriano Benites. Voltaremos nosso olhar para reconhecer os sentidos políticos e de resistência cultural presentes nas mudanças na lógica de vida Guarani. Compreendendo que a raiz dos conflitos gerados entre agricultores e parte da população não-índia da região em relação ao processo de demarcação de terras – processo que no âmbito político e jurídico representa a luta Guarani pelos direitos originários - se dá por divergentes concepções de uso e propriedade da terra, implementadas e naturalizadas no imaginário regional por processos históricos como o processo de colonização do Oeste paranaense a partir da segunda metade do século XX.

O discurso que dita as formas de uso e posse da terra, assimilada pela maioria da população nacional, são baseados em ideais liberais e capitalistas. Assim sendo, o modo de vida e as concepções de uso da terra presentes na cultura Guarani, se localizam no outro extremo em relação as concepções capitalistas. Como polos opostos inseridos em uma mesma realidade regional, o conflito entre agricultores e indígenas Guarani na região Oeste do Paraná, bem como em outras regiões, é agressivo e requer resistências e organizações diversas da parte Guarani na luta por seus direitos e sua existência.

As análises desenvolvidas no presente texto são fundamentadas pelos estudos teóricos e metodológicos que obtive ao longo de minha participação na pesquisa "Colonização, Propriedade e Projetos Agrícolas no Paraná (Segunda Metade do Século XX)", cujo objetivo consistia em analisar relatórios de pesquisadores ligados a empresas colonizadoras ou a órgãos do governo (como o INDA) afim de problematizar as concepções sobre o desenvolvimento agrário paranaense, bem como os discursos que procuram naturalizar e cristalizar determinada concepção de propriedade privada da terra - desclassificando outras formas de seu uso e posse - e a interface desses discursos como produção de determinados sentidos identitários para os habitantes do campo desse estado.

As reflexões que aqui serão desenvolvidas partem da análise da entrevista com Adriano Benites, realizada em 12 de dezembro de 2018, no campus da Universidade Estadual do Oeste do Paraná localizado em Marechal Cândido Rondon, Paraná. Adriano Benites, nascido em 11 de janeiro de 1978 (41 anos de idade), mora atualmente em Marechal Cândido Rondon – PR onde cursa História Licenciatura na Unioeste. Adriano expressou ao longo da entrevista que sua família vive entre transições entre Paraná e Mato Grosso do Sul, em razão da cultura de vida Guarani, desde antes de seu nascimento. Sua família tem uma inserção acentuada na cultura religiosa Guarani, atualmente seu tio é rezador em uma das aldeias Guarani de Guaíra, e sua mãe, também rezadora, mora no Mato Grosso do Sul. Para além de sua própria criação e vivência como Guarani, suas ligações familiares permitem que, mesmo quando afastado por períodos do espaço físico da aldeia, Adriano esteja imerso no ambiente cultural, religioso, organizacional e material dos Guarani da região. As visitas a seu tio em Guaíra, citadas por várias vezes ao longo da entrevista, demonstram a presença constante de Adriano no interior da lógica de vida Guarani.

Adriano é um dos muitos exemplos das diversas adaptações às quais estão sujeitos os indígenas em nossa sociedade para resguardarem sua sobrevivência. Para levar adiante a graduação, Adriano deixou sua antiga residência em Guaíra, bem como seu trabalho na escola indígena da Tekoha Guarani, onde foi professor para as crianças indígenas durante quatro anos. Seu interesse por estudar e trabalhar em prol da cultura de seu povo é perceptível tanto ao longo da entrevista, na forma como se refere a sua participação no curso de história e seus objetivos, bem como por sua participação como estagiário em um projeto de escavações no perímetro que envolve Guaíra e Terra Roxa, as escavações realizadas pelo projeto são parte importante na luta pela comprovação judicial do pertencimento do povo Guarani à região pela qual lutam pelam regulamentação da demarcação de terras.

A entrevista analisada foi gravada em áudio e posteriormente transcrita para análise. Com vistas nas significações da oralidade dentro das discussões metodológicas da História Oral, postas por Portelli (1997), a transcrição da entrevista foi realizada de forma a manter-se o mais fiel possível à fala do entrevistado. Uma vez que, mesmo transcrita para texto escrito visando a viabilidade de trabalharmos com os trechos da entrevista para análise em trabalho acadêmico, a fonte em si é a oralidade. Considerei para a análise da entrevista, as escolhas de fala feitas pelo entrevistado, a forma de expressar determinadas questões levando em consideração a entonação da voz, a feição do rosto, as gesticulações. Mesmo não inserindo na transcrição a expressão física de Adriano, a transcrição se manteve atenta a pausas entre as falas, repetições de palavras, dificuldades de pronuncia e demais questões relacionadas a regras gramaticais.

É relevante apontar que a língua principal de Adriano é o Guarani, de modo que sua fala do português se afasta da forma culta, o que se expressa na irregularidade da fala de Adriano frente às regras da língua portuguesa perceptíveis pela transcrição da entrevista presente no texto, não foram corrigidas por escolha metodológica e pessoal. Pois para além da importância metodológica de se levar em consideração a forma real da oralidade do entrevistado, não tenho por objetivo forjar uma regularidade gramatical na fala de Adriano, que se afastaria da realidade de sua fala como um indígena Guarani que já se dispõe a abrir mão do uso de sua língua tradicional pela demanda da relação com a população não-índia nacional que não se dispõe a incorporar a língua Guarani como elemento nacional popularizado.

A partir das colocações de Alessandro Portelli (1997) a respeito da História Oral, compreendemos que a entrevista é produto de uma relação estabelecida entre narrador e entrevistador, portanto o pesquisador ao passo que propõe a construção da entrevista também se constitui enquanto parte dela. Dessa maneira, adotamos como metodologia o estabelecimento de um ambiente de diálogo confortável e horizontal durante a entrevista, ao qual o entrevistado se sentisse livre para responder as perguntas que foram realizadas sem coerção. Procuramos realizar questionamentos mais abertos para não interferir de maneira muito incisiva na resposta dada pelo entrevistado, para que a entrevista fosse guiada organicamente.

Concebemos a história oral, suas potencialidades e obstáculos, como parte de uma abordagem subjetiva entre fato/contexto histórico e fonte. A oralidade entendida enquanto fonte apresenta determinadas restrições no que tange à relação estrita com o acontecimento dos fatos históricos, por outro lado também nos permite um olhar alternativo e repleto de novos ou desconhecidos significados e eventos, uma vez que parte da perspectiva do sujeito e da memória que constrói sobre sua história ou determinado contexto. Portelli discorre sobre o diferencial e as características da história oral em relação com outros tipos de fontes utilizadas na produção historiográfica, especialmente nos trabalhos que não abordam a classe dominante, que nos são caros ao pensar a análise realizada nesse trabalho:

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas

sempre lançam luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas. (PORTELLI, 1997, p. 31)

[...] a diversidade da história oral consiste no fato de que afirmativas “erradas” são ainda psicologicamente “corretas”, e que esta verdade pode ser igualmente tão importante quanto registros factuais confiáveis. (PORTELLI, 1997, p. 32)

Partindo dos pontos já apresentados em relação a história oral na construção historiográfica, é imprescindível compreender em termos teóricos a relação que se estabelece na entrevista entre memória e fato histórico. Compreendemos que o entrevistado, ao ser posto em tal posição e questionado a respeito de situações vividas ou compreensões sobre determinados acontecimentos, não nos proporcionará uma objetividade mecânica ou “pura”. Entendemos que na construção de uma narrativa de vida ou histórica, o narrador é levado a ativar uma memória que não é intocada ou literal, mas que está embebida na subjetividade e nas intenções do narrador. Logo, o entrevistado ao responder questões ou narrar sua vida, faz escolhas e traz sua própria interpretação do assunto ao conta-lo. Como aponta Portelli no seguinte trecho:

Mas o realmente importante é não ser a memória apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forçadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico. (PORTELLI, 1997, p. 33)

A luz do exposto, na análise da entrevista com Adriano procuramos observar os sentidos construídos e expostos através dos variados assuntos que o entrevistado abordou, buscando compreender qual o elo de ligação entre o modo que o mesmo abordava cada assunto e as escolhas por falar mais ou menos, com mais ênfase ou não em cada tópico ao longo da entrevista. A partir disso, não esgotando as várias possibilidades que a entrevista em questão abre para pesquisas no campo da história, chegamos a compreensão de que o elemento que sempre se fazia presente ao longo da narrativa apresentada por Adriano era a cultura Guarani e seu modo de vida. Não limitada à uma mera apresentação de fatos e tradições, Adriano trada ao longo de toda a entrevista das concepções de mundo de seu povo, bem como das alterações que ocorreram nas tekohas em decorrência do contexto de conflito e instabilidade em que se encontram.

Dessa forma, optamos por analisar como a luta pela terra tem sido fator mobilizador de alterações e adaptações culturais e políticas no meio Guarani no Oeste do Paraná. Compreendemos a partir do trabalho desenvolvido pela Prof^a. Dr^a. Carla Cristina Nacke Conradi em sua dissertação de mestrado defendida em 2007 e intitulada *As ações do Estado Nacional e a trajetória política dos Guarani Nandeva no Oeste do Paraná (1977-1997)*, que esses sujeitos têm tido uma participação política ativa e protagonista nos processos históricos e políticos em que estão envolvidos, não sendo apenas coadjuvantes guiados por fatores externos sem resistência ou ação independente. A autora demonstra que no contexto da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, e todos os impactos que essa causou na vida dos indígenas da região. Contudo, levando em conta o contexto atual, entendemos que o processo de demarcação de terras indígenas Guarani, atualmente inconcluso entre suspensões e debates, é fator aglutinador e causador das resistências indígenas na região, que transpassam o âmbito da ação política como manifestações e afins e chegam ao interior da lógica Guarani, nas aldeias, nas escolas, até mesmo no seu cotidiano, em seus rituais religiosos.



Figura 1 – Casa de tio de Adriano, localizada na Tekoha Jevy, em Guaíra – Pr
Fonte: Arquivo pessoal de Léia Patek

Narrativa de resistência e luta pelo direito originário

Então Adriano, eu gostaria que você falasse sobre sua vivência enquanto indígena Guarani, sua visão sobre a universidade, sobre a realidade de vocês na região de Guaíra frente o processo de reivindicação da demarcação de terras; como você vê os conflitos que vocês vivem. (Léia, 2018)

Então esse minha mãe tem oitenta e seis anos, e.. eles assim... fala muito sobre a cultura guarani. E são irmão dele também são rezador, e fala, e ela fala sobre a cerâmica, porque que a cerâmica utilizava antigamente como que a gente fazia essa cerâmica pra guarda alimento [...] (Adriano, 2018)

Os trechos acima expõem respectivamente meu questionamento inicial ao entrevistado, e o desdobramento imediato escolhido por Adriano. A entrevista, quando feita, não detinha um objetivo específico, uma questão única. O que objetivávamos era registrar a narrativa de Adriano enquanto um sujeito indígena, e suas percepções sobre a realidade a sua volta de forma ampla, para a partir da entrevista em si, do diálogo que realizaríamos, refletir possíveis pontos de análise histórica e conjuntural. Adriano escolhe tratar da sua trajetória enquanto Guarani se respaldando na história familiar coletiva. O entrevistado narra ao longo desse primeiro momento os aspectos culturais tradicionais que marcam o ser Guarani frente a demais grupos indígenas, bem como as características da vida Guarani referentes a outros momentos na história do grupo na região, uma vez que a presença dos indígenas da etnia Avá-Guarani no que hoje se concebe enquanto oeste do estado do Paraná é registrada desde o período de desenvolvimento da colonização espanhola na região (século XVI). Segundo Caleiro (2016), ainda em 1541 Álvez Nunez Cabeza de Vaca escreve sobre sua experiência com os Guarani na região, em seu diário de viagem, comumente utilizado como fonte para o estudo da região nos períodos coloniais.

Não são raros os trabalhos que abordam as missões jesuíticas, nas quais a presença Guarani é inegável. Entretanto, claramente os indígenas Guaranis não estiveram presentes apenas nesse recorte da história do que hoje conhecemos como Paraná. Apesar de não ser totalmente incluída na construção da história oficial paranaense, que preza pela imagem da colonização estrangeira e pioneira, a presença e participação de indígenas nos diversos ciclos da economia e desenvolvimento do Paraná é comprovada pela historiografia recente. Salles, Bergold e Vaneski Filho (2016) em seu trabalho *Vidas amargas: Indígenas explorados pelas obrages (1860-1950)* nos apresentam considerações sobre a exploração sofrida pelos

Guaranis no decorrer das alterações econômicas no Paraná, bem como do impacto acarretado aos Guaranis nesse processo.

Estas atividades formariam e transformariam o Paraná, com seu povo plural, enquanto os indígenas que nele ainda vivem foram lançados para trás do espelho, existindo como imagem reflexa e inversa desses ciclos. Sombras. Aliás, quais seriam os seus ciclos desde a chegada dos europeus? Da perspectiva simplista colonizadora, possível entrever a fase inicial do contato, a subjugação, as Missões Jesuíticas, o escravismo bandeirante e as grandes dispersões e migrações, a guerra dos Sete Povos das Missões (1750-1756) e a Guerra do Paraguai (1864-1870), o trabalho na erva-mate e na madeira, a fixação massiva de novas gentes sobre seus territórios e a destruição da natureza, e a derradeira conformação do território indígenas em instáveis e limitadas ilhas. (SALLES; BERGOLD; FILHO, 2016, p. 123)

É crucial recorrer às fontes históricas e as produções historiográficas para fazer frente a um processo de negação do pertencimento dos Guarani à região Oeste do Paraná. No processo de luta institucional pela demarcação de terras, iniciado a partir de 2012, é visível a negação por parte da população não-índia da região, ao direito e pertencimento dos Guarani ao território. A (des)informação circulada pela mídia, que serve aos interesses do agronegócio - forte e prestigiado no Paraná – chega a negar completamente a existência de indígenas Guaranis, na região Oeste, em tempos remotos. Esse mesmo discurso dissemina a ideia de que esses sujeitos são paraguaios, “bugres”, ou apenas indígenas vindos do Mato Grosso do Sul para reivindicarem um território que não seria de pertencimento deles. Constantemente encontra-se matérias hostis à causa indígena na mídia locais, que desencadeiam na população não-índia uma aversão tanto à pauta da demarcação de terras indígenas, quanto à simples presença Guarani nas cidades (MASUZAKI, 2015).

Nesse sentido, é sintomática a escolha de Adriano ao abordar a trajetória de sua família e de suas tradições logo no início da entrevista pois transparece a necessidade de se afirmar enquanto povo e enquanto pertencentes do território em questão. O silêncio da sociedade sobre os povos indígenas, assim como a tentativa de deslegitimar sua presença no Paraná, tem sido contestado pelos próprios indígenas com das formas cabíveis ao seu espaço de ação. Essa necessidade de afirmação não se passa por necessidade de validação na fala de Adriano, é claro em seu discurso que seu lugar, seus direitos e de seu povo é algo a ser requerido, demandado, já é válido.

Para além da contestação da legitimidade do direito ao território pela população não-índia, outro discurso recorrente sobre a população indígena a nível nacional, é a contestação do que é ser índio “de verdade”. A falácia de que o indígena, por ter assimilado características de vida, culturas e tecnologias da população não-índia “não seria mais índio” nasce de um essencialismo identitário, e uma tentativa de negação dos direitos originários desses sujeitos, que se baseia na ideia de uma etnia “pura”, corrompida pela miscigenação ou assimilação de práticas alheias. Podemos contestar esse pensamento a partir das reflexões de Boccara (2002), que contesta essa visão à respeito das etnias indígenas ao evidenciar práticas pré-coloniais onde a miscigenação entre diferentes tribos já existia, logo, a cultura também era assimilada de uma à outra. A partir dessa noção de perda de identidade, retira-se a prerrogativa da população indígena de reclamar seus direitos enquanto tais. Ao serem postos nas condições históricas às quais foram, a população indígena do Oeste do Paraná passou por um processo de assimilação e adaptação à organização social e política da sociedade não-índia. Com base nas perspectivas apresentadas acima, sobre uma proposta ilegitimidade dos Guarani sobre a terra e demais direitos, criam-se embates entre esses dois grupos, parte majoritária da população não-índia, e os indígenas Guarani. Esse embate nocivo principalmente aos Guarani tem por plano de fundos as diferentes concepções de uso e propriedade da terra, relacionados a ideais de economia e modo de vida distintos.

A concepção hegemônica capitalista sobre a forma de cultivo e propriedade da terra, privada e vinculada a geração de lucros, exclui e condena outras formas de uso da terra como a tradicional aos povos Guaranis. Os Guaranis concebem a terra e a natureza enquanto fonte de subsistência de tudo aquilo que necessitam para se manterem: alimentação, moradia e cuidados com saúde. A terra é entendida como coletiva, pertencente à tribo – usufruída, mas não explorada. Já essa perspectiva capitalista da terra vem sendo defendida pelo Estado historicamente, e assim inserida e naturalizada gradualmente na cultura popular não-índia desde o processo de colonização do Oeste do Paraná em meados do século XX. Nesse período, estudos e relatórios de pesquisadores vinculados a empresas colonizadoras e a órgãos do Estado defendiam o uso da terra vinculado a lógica produtivista exportadora, concebendo a terra como propriedade privada individual. O lucro é o objetivo dentro dessa lógica, ou seja, a terra e quem a cultiva, passam a ter que atender determinados moldes de produção e mercado baseados na lógica capitalista. Segundo Conradi (2007):

O processo de ocupação do Oeste do Paraná pela sociedade nacional se desenvolveu a partir da usurpação dos territórios indígenas, uma vez que já ficou comprovado que nesta região existiam comunidades indígenas dotadas de organização social e espacial significativas. O contato interétnico se deu mais acirradamente com o processo de colonização do período de 1940 a 1960, quando o Estado brasileiro objetivou ocupar o espaço e transformá-lo em produtivo. (CONRADI, 2007, p. 16)

A cultura indígena de subsistência não se encaixa nos princípios capitalistas de produção de mercadoria a partir da terra, nem da terra em si como mercadoria, passível de ser adquirida por compra e transformada em propriedade privada de um sujeito para uso e lucro próprio através da agricultura ou pecuária, em grande parte para exportação. Essa lógica que por sua vez já era preponderante no país, não se aplicando apenas ao estado do Paraná, acaba por excluir e desqualificar os demais tipos de uso da terra, principalmente os coletivos, como o modo de uso da terra indígena, os faxinais e os quilombos. Difundindo o colono ideal e o modo de trabalhar e possuir a terra também ideias e adaptados ao progresso, os sujeitos que não se inseriram nesses moldes entram para a classificação de atrasados, ou não-produtivos.

Esse é caso do discurso atual sobre a presença dos Guaranis na cidade de Guaíra. Colonizada por diversas frentes migratórias, não tendo uma colonização “homogênea” como em outras cidades da região, Guaíra ainda sim foi alvo da adaptação do campo ao discurso do Estado e do Capital. Atualmente, os agricultores ao negarem o direito dos Guaranis ao território, tem como argumento a produção para exportação como o único tipo de produto do uso da terra que agrega para o desenvolvimento da sociedade e da cidade. Não reconhecendo, nem aceitando, outras formas de se conceber o uso da terra, ou sua posse: a propriedade privada e individual é a uma legitimada.

É perceptível que a concepção hegemônica de uso da terra como propriedade privada e individual adquirida por compra e utilizada para exploração de seus recursos, para cultivo de culturas destinadas à exportação – também adaptáveis aos novos métodos de cultivo altamente mecanizados introduzidos na região a partir de meados do século XX -, vá de encontro ao modo tradicional de vida dos indígenas de modo geral, e dos Guaranis da região Oeste paranaense. Não obstante as lutas diretas travadas em razão desse contraste de modos de vida e subsistência, esse cenário também vem alterando modos de organização e ressignificando tradições e aspectos culturais da vivência Guarani.

Dessa forma, como indicam algumas falas de Adriano apresentadas a seguir, percebemos as mudanças culturais no modo de vida Guarani no Oeste do Paraná, vinculadas a realidade histórica e contextual exposta até aqui. Somado a isso, entendemos que, devido à situação material em que se encontram esses sujeitos, sem suas terras demarcadas e vivendo à mercê da população não-índia e do Estado, quaisquer alterações culturais e sociais

presentes em seu modo de vida, estão ligadas direta ou indiretamente ao fator de luta por sobrevivência num espaço que constantemente contesta sua existência enquanto grupo.

Nesse sentido, percebemos na narrativa desenvolvida por Adriano, quais escolhas faz para descrever-se enquanto guarani, narrar suas origens e culturas e quais sentidos estão atribuídos a elas. Analisando os elementos trazidos à tona pelo entrevistado para narrar o que pode ser compreendido como a identidade Guarani, em sua perspectiva, a religião e a tradição ritualística tem importância clara, como demonstrado no trecho a seguir:

Então ela fala muito sobre esse realidade guarani e fala também sobre cocar a chocoalho que fala, nós fala é maracá, então a guarani foi sempre cocar bem simples. É, ele ela coloca também sobre a e e esse que coloca cruzado assim chama de tutambi, ela chama de tutambi aquele negócio que passa aqui parece um colar mas não é colar e coloca algumas pena de de loro e assim símbolo guarani original porque existe vários deus ou seja vários dono epiritual na terra mas ela fala que, pra saber quem que é guarani quem que não é guarani pra poder fazer essa reza. (Adriano, 2018)

É perceptível na narrativa do entrevistado que ao pensar sua cultura e tradição, e se coloca na narrativa enquanto coletivo, também enquanto reprodutor de um conhecimento e cultura que vão além de si. Essa característica é familiar ao se tratar de indígenas Guarani, uma vez que em sua cultura, tradicionalmente, o grupo é posto em prioridade em detrimento do indivíduo. Essa questão é palpável quando Adriano fala sobre o feiticeiro em sua cultura.

É na verdade feiticeiro ele fica bem separado com, do outros rezados. Ele fica bem separado, ele não mistura com esses cultura guarani. É um ser humano que dá pra perceber que eles são pessoa estranho assim, dentro da aldeia ele fica separado com outro, ele não e coloca tudo junto porque esse feiticeiro já tem erro, já tem alguma coisa que já fizeram né. (Adriano, 2018)

Então ele tá se mantendo vivo e saúde através daquilo que ele tá matando as pessoa. Então é ao contrário, Guarani já é diferente. Guarani, quando vem tupã, ou seja um temporal, levanta e reza pra não acontecer nada com as criança. (Adriano, 2018)

Adriano preza por reiterar o conhecimento do passado do povo guarani através da vivência de sua mãe e seu tio, ambos rezadores guaranis, transmitida oralmente a ele. Além da transmissão oral desse conhecimento, a cerâmica Guarani - citada por Adriano ao longo da narrativa como utensílio presente na tradição Guarani por tempos imemoriais - é objeto de estudo arqueológico recente que busca comprovar judicial e cientificamente o pertencimento do povo Guarani à região Oeste do Paraná servindo também ao objetivo de muni-los para a argumentação em defesa da demarcação das terras Guaranis. A escolha feita por Adriano de referenciar a cerâmica pode ter relação com uma intenção de validação da cultura, uma vez que Adriano participou de projetos de escavações que encontraram cerâmicas em sítios arqueológicos na região, e que os laudos dessas pesquisas serão utilizados para comprovar o pertencimento do povo Guarani à região a ser demarcada. Na entrevista, ficou clara a ênfase posta por Adriano quando fala da cerâmica Guarani como fonte arqueológica, e sobre as possibilidades e objetivos desse projeto. Nesse sentido, transparece como a cultura tradicional também é instrumento de ação política na luta pelo direito originário ao território. Percebe-se então uma atribuição de sentidos e significados, por Adriano, a determinados objetos de origem Guarani que vão além do tradicional e se inserem na luta desses povos no presente.

[...] e fala, e ela fala sobre a cerâmica, porque que a cerâmica utilizava antigamente como que a gente fazia essa cerâmica pra guarda alimento, ou seja, par que é... Assim, por exemplo, antigamente não existia nada de panela,

colher, então ela usava assim cerâmica pra poder comer alimento, ou seja guardar alimento. (Adriano, 2018)

Um ponto interessante ao pensar as escolhas que Adriano tomou em sua fala na entrevista, é perceber como a cultura e a religião Guarani tomaram espaço de prioridade. Apesar de detalhar melhor sobre seus aspectos e tradições culturais no início de sua fala, os mesmos estão presentes em todos os outros temas que Adriano trouxe à tona. Essa abordagem desperta nossa atenção para o caráter indissolúvel entre a religião e a identidade Guarani. Percebe-se que ao pedir que Adriano narrasse sua trajetória enquanto indígena Guarani, e abordasse os enfrentamentos que seu povo passa atualmente, a tradição religiosa aparece como um argumento de explicação do que é ser Guarani, e também como parte indispensável na compreensão da resistência Guarani aos enfrentamentos à respeito do direito à terra e do reconhecimento de suas tradições originárias, uma vez que ao tratar dos ritos religiosos Adriano aponta que são importantes para a proteção do seu povo na atual conjuntura e para fortalecimento para as lutas que enfrentam com o Estado e com os “fazendeiros ruralistas”.

Quando veio muito agrotóxico e conflito entre, contra indígena. E assim, vem um tempo que é aconteceu muito doença, criança, jovem. Ai eu foi busca ela pra poder fazer uma reza. (Adriano, 2018)

Na luta pela demarcação das terras Guaranis no Oeste do Paraná, recorrente e de extrema importância ao pensar a situação atual dos Guaranis, os mesmos estão suscetíveis a ressignificações em seu modo de vida para que consigam resistir a constante tentativa de negação de seus direitos e para que possam manter suas tradições. Essas readaptações aparecem na fala de Adriano, por exemplo, quando pontua sobre a escolha do cacique na aldeia, e quais os requisitos o mesmo deve atender para que a aldeia tenha uma representação forte frente aos embates com o poder público estadual, municipal e nacional.

Na verdade, é, aqui em Guaíra e Terra Roxa, é em guarani eu não sei, aonde que eu trabalhava, quando pessoa entra primeiro né, ou seja, ele pesquisa onde que era a aldeia, ai a gente entra lá, ai aquele que entra fica de cacique. E depois ele entra contato com outro e vai juntando o pessoal ali. Vai ficando durante, por exemplo agora já bem diferente antigamente, tem que ser documento limpo tem que ser tal né, pra poder viajar, tem que falar português, pelo menos saber algum leitura. Antigamente, antigamente rezador que resolvia a coisa né. (Adriano, 2018)

Referenciando o processo de reocupação do território Guarani da cidade de Guaíra, Paraná, onde seu tio mora atualmente, Adriano deixa clara a interferência de fatores externos de teor político na organização das aldeias Guarani. Um lugar onde no passado, a religião teria a palavra final de escolha, atualmente a situação política se impõe. A escolha do cacique da aldeia é ressignificada e reorganizada, uma vez que se encontram em um processo de luta. Logo, compreendemos que as características necessárias para o cacique, que são características da organização política da população não-índia, são assimiladas pela cultura Guarani. Contudo, o sentido que essa assimilação expressa não é de cessão à uma cultura superior, ou melhor, mas sim se um meio de resistência para que se alcance os direitos que possibilitam que seu povo viva conforme sua cultura e tradição.



Figura 2 - Em sequência na imagem aparecem: um rezador Guarani, Adriano Benites e seu Belino, também rezador Guarani, citado ao longo deste trabalho.

Fonte: Arquivo pessoal Léia Patek



Figura 3 – Interior da casa de Belino de Adriano na Tekoha Jevy, Guaíra – Pr.

Fonte: Arquivo pessoal de Léia Patek

Na concepção de Adriano, a demarcação de terras é necessária não apenas a título de sobrevivência material, mas também cultural e religiosa, do povo Guarani como grupo. Perguntei a ele se via a demarcação como uma forma de preservar a cultura Guarani, para além da provisão de uma vida de qualidade adequada e subsistência, e prontamente sua resposta abordou a interferência de outras religiões no interior da aldeia. Contudo, para Adriano, a interferência dessas demais correntes religiosas não é negativa apenas pelas possíveis assimilação religiosas dos indígenas à novas religiões, mas para a qualidade de vida psicológica dos jovens Guarani e para a organização para a luta política.

[...] mais quando chega ali no conflito já é diferente porque ali a constituição falo: não, indígena tem que mostra realidade indígena, tem cultura tradicional, tem direito originário, não fala indígena tem que vesti roupa social pega a bibria e ir na igreja. (Adriano, 2018)

Primeira coisa, indígena pra fazer mobilização sobre a educação escolar indígena sobre saúde, o indígena não vai senta ali, ou seja, não vai se junta dentro da igreja pra fazer isso. Ele vai mobiliza através de cultura tradicional. E isso que o pator eu acho que entendeu, eu não sei, não entendeu, não sei porque (não entendi) ali. Eu me coloquei nesses ponto com ele lá. Porque eu falei, eu senti muito tantos criança indígena tem ali e você vai entrega ropa cada um, mercadoria cada um e depois? O que que vai ser resultado? A criança vai acostuma toma leite, chocolate, e o dinheiro aonde que vai acha ali? Porque ele depoi que sai de lá o pator eles ficam tudo desesperado ali. Sem pai, sem mãe cabo mecadoria, onde que vai compra? O pai não tem serviço como que vai acha serviço no meio do fazendero do ruralista. E como que vai vive? (Adriano, 2018)

A igreja aparece na fala de Adriano como um obstáculo para a mobilização Guarani para lutar pelo direito a demarcação, uma vez que ao condenar a religião e os rituais indígenas como a reza, e propor um modo de vida divergente do tradicional Guarani, a igreja dificulta a mobilização política, feita por meio desses dispositivos culturais. Adriano deixa claro em sua fala que esse posicionamento sobre a presença da igreja dentro das aldeias Guarani é pessoal, contudo, isso mostra o sentido que as tradições e a religião recebem no contexto de luta política. A religião passa de ser algo apenas do viver interno da aldeia para foco aglutinador dos Guarani para a resistência à tomada de seus direitos. A presença da igreja dentro da aldeia, na fala do entrevistado, aparece como algo prejudicial por não se comprometer com a luta e a resistência Guarani. No final do trecho reproduzido acima, Adriano deixa transparecer que a realidade que a igreja traz no sentido material, ao não ser atendida mais pelos limites materiais da aldeia, não tem como ser suprima por falta de condições, falta de oportunidades, falta de estrutura. O conflito com os agricultores da região fica claro. Adriano demonstra toda sua consciência política ao longo desse episódio, assim como muitos outros Guarani, ele sabe que sua luta é legítima, conhece os direitos do seu povo, e abraça uma luta coletiva. Percebe-se a agência e a clareza de Adriano, longe da qualquer estigmatização de indígena passivo as mazelas da história. Adriano não é uma excessão, mas tem uma trajetória que o auxiliou a perceber-se da forma como o faz atualmente.

É necessário considerar que o acúmulo de discussões políticas de Adriano vem de um espaço de debate mais amplo, a dois anos é aluno e ensino superior, teve ligação com o poder público municipal por muitos anos. Ao falar sobre sua vinda para a universidade e no que isso implica para ele enquanto sujeito indígena, Adriano deixa claro que sente uma diferença entre o que é agora e o que encontra nos guaranis que permanecem no espaço da aldeia. Destaca que a aprendizagem e o conhecimento que vem adquirindo no espaço em que está inserido na universidade, o faz olhar com outra perspectiva para a realidade na aldeia e para o que planeja ser sua atuação enquanto professor e historiador indígena. Adriano afirma que não consegue se ver não utilizando mais as tecnologias que aprendeu a utilizar de forma mais concreta na universidade, mesmo quando terminar o curso, e destaca que pretende utilizar o conhecimento adquirido para buscar melhorias para dentro das aldeias da região, onde o mesmo tem acesso.

Pude perceber que, ao entrar em contato com diferentes técnicas e visões de mundo, Adriano reestrutura sua lógica de atuação política e social enquanto indígena Guarani. Entretanto, essa reestruturação não significa de nenhuma forma um abandono de suas raízes culturais ou de sua identidade enquanto Guarani, pelo contrário, é possível vislumbrar Adriano como um dos muitos indígenas fazendo frente aos desafios impostos pela sociedade hegemônica que ameaça suas tradições e sua existência. Ao mudar seu modo de agir, ao se adaptar a diferentes ambientes, ao questionar e planejar estratégias de resistência, Adriano representa um processo de resistência autônoma e consciência pelo qual os indígenas passam há muito tempo nos vários processos de expropriação e exploração aos quais já foram submetidos no Oeste do Paraná, e que ainda vivenciam na atualidade. Exercer

alterações em sua cultura, em suas organizações, em seu modo de estudar e se colocar frente à sociedade, não diminuem o que é ser Avá-Guarani ou sua identidade enquanto tal, mas mostra a capacidade organizativa e de resistência desses povos por tanto tempo e por tantas maneiras ameaçados de se dissiparem, mas que permanecem.

Conclusões

O presente trabalho buscou delimitar a relação entre a luta pela terra, as concepções de propriedade e a resistência Guarani expressa por meio de sua cultura e organização interna, a partir da narrativa construída por Adriano Benites. Compreendemos que o conflito estabelecido entre proprietários agricultores e indígenas Guarani no Oeste do Paraná, tem sua raiz na concepção capitalista de propriedade, individual e privada. Essa concepção advém da construção do ideal de colono e de uso da terra encampada pelo Estado e afins a partir da segunda metade do século XX com o objetivo de inserir na região ideais de vida e produção no campo que atendessem ao projeto de desenvolvimento do país aos moldes capitalistas, da produção em larga escala para exploração e do lucro. A implementação desse discurso sobre a propriedade da terra, legitimou como correta apenas esse modelo de vida no campo, deixando em escanteio modos alternativos de vida e produção existentes na região, como o dos indígenas Guarani e dos quilombolas.

Já provenientes de um longo processo de expropriação de seus territórios, os Guarani foram cada vez mais sendo reprimidos e hostilizados pela sociedade hegemônica, sendo obrigados a criar alternativas de trabalho e subsistência para seu povo, bem como estabelecer novas relações com essa opressão. Nas décadas mais recentes, desde a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, os indígenas da região têm se mobilizado politicamente buscando por vias institucionais seus direitos originários, que são garantidos pela constituição. A narrativa criada por Adriano sobre sua história de vida, seu povo, sua cultura é representativa de uma realidade coletiva uma vez que todo indivíduo parte de uma ocletividade, uma sociabilidade em que se constitui como tal e na qual também exerce influência. Logo, podemos compreender a partir da análise realizada da entrevista com Adriano, que conscientes de sua realidade, os Guarani exerceram diversas alterações em sua cultura e modo de vida, afim de resistir à constante ameaça de seus direitos e de sua existência. Essas mudanças são concebidas como formas de resistência por meio da resignificação de aspectos culturais e organizacionais.

A Prof^a. Dr^a. Carla Cristina Nacke Conradi (2007), em sua análise sobre a atuação política dos Guarani Nandeva e os conflitos com a Itaipu, utiliza-se do conceito *resistência adaptativa* de Maria Celestino de Almeida (2003). Segundo Conradi o conceito justifica determinadas decisões tomadas pelos Guarani naquele processo, segundo Almeida (2003, p. 33 apud CONRADI, 2007, p. 78):

A compreensão da cultura como produto histórico, dinâmico e flexível, formado pela articulação contínua entre tradições e experiências novas dos homens que a vivenciam, permite perceber a mudança cultural não apenas enquanto perda ou esvaziamento de uma cultura dita autêntica, mas em termos do seu dinamismo, mesmo em situações de contato, quando as transformações se fazem com muita intensidade e violência.

Esse conceito resume nossa análise à respeito das alterações exercidas pelos Guarani na cidade de Guaíra, no contexto histórico e político em que se encontram, de forma que, compreendemos que as assimilações, trocas e mudanças culturais as quais estão passando, não lhes estão sendo importadas forçadamente, mas sim sendo tomadas como alternativas de luta e resistência frente a sua realidade. Uma vez que, no que tange a cultura indígena, segundo Boccara (2002), assumir uma perda cultural quando nos defrontamos com um processo de assimilação ou adaptação indígena é negar suas tradições do período pré-

colonial ainda, onde as trocas entre tribos de casamentos eram parte da manutenção das relações, logo as culturas se mesclavam e assimilavam por razões específicas a cada momento.

Ao longo desse trabalho, conseguimos analisar alguns desses aspectos por meio da entrevista realizada com Adriano Benites que nos auxiliaram a compreender de uma perspectiva individual, o olhar de um Guarani sobre si e sobre sua realidade, podemos contribuir para a construção de uma análise mais ampla da vivência Guarani no Oeste do Paraná na atualidade, levando em conta seus processos históricos. Compreendo o processo exposto através da experiência de Adriano como parte de uma resistência cultural, assim como demonstra Guillaume Boccara ao analisar a partir de um viés antropológico e histórico os processos de “Colonización, resistencia y etnogénesis en las fronteras americanas” argumenta que as transformações ocorridas dentro das tradições culturais indígenas não são ingênuas ou vazias de significado, mas sim que:

Las mezclas, hibridaciones y transformaciones socio-culturales no son un asunto de esteta. Los individuos y grupos no mezclan las cosas por el placer de mezclarlas. Lo hacen por razones de supervivencia física y social. (BOCCARA, 2002. p. 71)

Sendo assim, entendo que as alterações que se apresentam no seio da cultura e modo de vida Guarani, fazem parte da necessidade de reinventarem suas estratégias para se manterem enquanto povo. No caso dos Guarani em Guaíra, no contexto do Oeste paranaense, entendo que a luta pelo direito à demarcação da terra, e as duras consequências desencadeadas pela falta da demarcação - que se coloca como obstáculo para uma qualidade de vida apropriada - tem sido um fator determinante para que esses sujeitos se adaptem e alterem sua lógica de existência no sentido de reivindicar e assegurar sua existência e suas tradições. As alterações que a cultura Guarani sofre não alarma seu fim, mas sim sua permanência e resistência.

Agradecimentos

Agradeço à Rede Proprietas e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por financiarem e tornarem possível a pesquisa *Colonização, Propriedade e Projetos Agrícolas no Paraná (Segunda Metade do Século XX)*, bem como ao coordenador da pesquisa, Prof. Dr. Marcos Nestor Stein pelas orientações e contribuições imprescindíveis que proveram os acúmulos teóricos e metodológicos utilizados para a elaboração desse trabalho.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, D.C.M. Historicidade da propriedade privada capitalista e os cercamentos. **História: Debates e Tendências**, v. 18, n. 3, p. 408-419, 2018.

BENITES, A. Entrevista concedida a Léia Patek de Souza. Marechal Cândido Rondon, 18 dez. 2018.

BERGOLD, R.C.; CALEIRO, M.M.; MAMED, D.O. **Os Avá-Guarani no Oeste do Paraná: (Re)existência no Guasu Guavira**. Curitiba: Letra da lei, 2016.

BOCCARA, G. **Colonización, resistencia y etnogénesis em las fronteras americanas** (Siglos XVI-XX). Ediciones Abya-Yala: Quito, Ecuador, 2002.

BORGES, P.H.P. Terra e memória: os territórios Guarani no Oeste do Paraná. **Perspectiva Geográfica**, v. 6, n. 7, 2011.

CONRADI, C.C.N. **As ações do Estado Nacional e a trajetória política dos Guarani Nandeva no Oeste do Paraná (1977-1997)**. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2007. 144 p. (Dissertação, mestrado em História).

GREGORY, Valdir; SCHALLENBERGER, Erneldo. P. 322, 323 e 324. **Guaíra: um mundo de águas e histórias**. Marechal Cândido Rondon: Editora Germânica, 2008.

MASUZAKI, T.I. A luta dos povos Guarani no extremo Oeste do Paraná. **Revista pegada**, v. 16, p. 75-88, 2015.

PORTELLI, A. **O que faz a história oral diferente**. Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro. São Paulo: Proj. História, 1997. 10 p.